

O CAVALO DE CONCURSO

Gen ALTAIR FRANCO FERREIRA, DGRV
Cap QOE OSCAR SOTERO DA SILVA

Nunca será demais lembrar que, nos estudos e planejamentos de reestruturação do Exército Nacional, surge sempre, inevitável e irrefragavelmente, a necessidade da sobrevivência de elementos hipomóveis, na constituição das forças terrestres nacionais, e daí constituir problema inequívoco de defesa nacional a equinocultura brasileira.

A Diretoria Geral de Remonta e Veterinária vem constatando, de anos para cá, um certo decréscimo no rebanho e, sobretudo, um relativo descaso na renovação dos plantéis cavалares, preferindo os fazendeiros empregar sua pecúnia na criação bovina, tendo em vista o alto preço a que vem atingindo a rez, de criação empírica e muito menos onerosa que a do cavalo, o qual, para encontrar mercado, tem de satisfazer a exigências do tipo e de porte, somente conseguidas à força de seleções sanguíneas e utilização de pastagens em campos de alto teor cálcico.

O cavalo militar, devendo transportar por longos e longos percursos, nos mais variados terrenos, não só o seu cavaleiro, como a sela, o equipamento e o armamento, num conjunto médio de 120 kg, precisa necessariamente satisfazer a exigências de tipo e de porte, além de ser rústico e sóbrio. Tais exigências não são, em geral, encontradas no puro sangue inglês, raça demasiadamente sensível aos cuidados de estrebaria, mas é inegável o valor que pode atingir o mestiço oriundo de boa corrente sanguínea, sobretudo quando esta vier de garanhões selecionados nos tipos quadrados dos "hunters".

O cavalo de concurso, animal de representação, sobre o qual pode muitas vezes recair a responsabilidade do sucesso de uma equipe militar ou civil de um país, também deve satisfazer determinados padrões de força e energia capazes de assegurar o êxito do trabalho de sua preparação.

A Diretoria Geral de Remonta e Veterinária, atualmente fortemente empenhada na solução do cavalo nacional, militar e de esporte, porque muito se assemelham, entendeu, na oportunidade da ida de oficiais ao estrangeiro para participarem de certames hípicas, de encarregá-los de algumas observações sobre os tipos de animais participantes, regime de tratamento e outras questões atinentes, formulando quesitos a serem respondidos, como adiante se vê:

QUESITOS — a que deverá responder o Sr. Cap. QOE (Remonta) Oscar Sotero da Silva, designado para observar, nas provas internacionais de New York, Harrisburg e Toronto, os problemas de criação e adestramento dos cavalos de salto ali apresentados.

- 1 — Quantas e quais as nações representadas no certame?
- 2 — Qual o tipo de cavalo dominante nas competições?

- 3 — Qual a incidência do PSI nas diversas provas?
- 4 — Há presença de alguma raça de saltadores especializados?
— Caso positivo, qual o histórico genético da mesma?
- 5 — Como são forrageados os animais de salto das equipes? Pesquisar a natureza e valor quantitativo dos grãos e forrageiras.
- 6 — Como são assistidos, pelos veterinários das equipes, os animais concorrentes?
- 7 — Qual o preço corrente de um cavalo adestrado nos diversos centros visitados pela equipe brasileira? Dizê-lo, inclusive, em comparação com o preço de automóveis.
- 8 — Qual a impressão causada pelos animais brasileiros?
- 9 — Visitando fazendas de criação, haras ou simples escolas de equitação, qual o regime de criação que observou, ou de que teve notícia?
- 10 — Qual o valor das pastagens nos EE UU ou no Canadá? Que forrageiras disputam a preferência? Como se processa a fenação e a estocagem da forragem para os longos períodos hibernais?

RESPOSTAS

I — Em cumprimento à determinação do anexo, apresento a V. Ex., na forma de resposta aos quesitos formulados, o resultado das minhas observações durante o Concurso Hípico Internacional Oficial de Harrisburg e New York, EE UU, e Toronto, Canadá:

- 1 — Cinco foram os países a se fazerem representar nos concursos internacionais realizados entre 17 de outubro e 21 de novembro, nas cidades de Harrisburg e New York, EE UU, e Toronto, Canadá, a saber: Estados Unidos da América do Norte, Canadá, México, Argentina e Brasil.
- 2 — A maioria dos cavalos, que participaram desse certame hípico, eram do tipo puro sangue inglês e irlandês.
- 3 — A incidência do puro sangue inglês acentua-se cada vez mais. Com exceção da maioria dos cavalos das equipes Argentina e Brasileira, os demais eram puro sangue inglês. O tipo do puro sangue inglês, usado para as provas de salto, é entretanto, mais pesado, mais grosso e bem mais reforçado do que o tipo médio utilizado em corridas. O puro sangue inglês é um tipo de animal nobre e de grande agilidade, porém sua extrema sensibilidade exige maiores cuidados em seu trato e em sua preparação para evitar reações que mais tarde, poderão tornar-se difíceis problemas. Os resultados apresentados por esse tipo de cavalo e a precocidade desses resultados, entretanto, compensam plenamente quaisquer dificuldades. Na própria equipe brasileira verificou-se a predominância do fator — os animais que melhor se apresentaram

foram, exatamente, os que mais se aproximavam do puro sangue, a saber, Mr Jim, montada do Sr. Gianni Franco Samaia, Predileto, montada do Sr. Carlos Alberto dos Santos, e Ibañez, minha montada. Os dois primeiros tratava-se de animais de alta mestiçagem e o último é um puro sangue inglês adquirido pela Diretoria Geral de Remonta e Veterinária para representação do Exército.

- 4 — Na Europa, predominam o “irlandês” e o “hunter”, que nada mais são do que um tipo de puro sangue inglês, definido e firmado durante gerações e mais do que provado em percursos difíceis de caçadas, steeple-chase e outras competições de grande envergadura. A agilidade, o espírito de luta e a resistência demonstradas por esse tipo de cavalo granjearam-lhe renome universal. Na América do Norte, no Canadá e no México, observa-se a tendência para adotar, para o salto, quase exclusivamente, esse tipo de cavalo.

A Argentina segue-lhe as pegadas. Há vários anos vem sendo formado um tipo de cavalo, através o cruzamento com o puro sangue inglês. Esse tipo já está definido e constitui, atualmente quase uma raça devido às suas características. São animais de mestiçagem superior a 7/8 de sangue inglês, reforçados através de cruzamentos com o normando e outras raças.

O Uruguai, da mesma maneira, procura formar um tipo de cavalo e a excelência dos resultados obtidos já pôde ser por nós verificada. Da mesma maneira que em outras partes, a base também foi o cruzamento cada vez maior com o puro sangue inglês.

No próprio meio hípico nacional, este fator tem demonstrado sua importância. Haja vista os exemplos de Pirro, Bibelot e Biguá, de alta mestiçagem, de Selvático e Travessura, puros sangue e, mais recente, do próprio Ibañez.

- 5 — Os animais de salto recebem uma forragem diária de 6 quilos de aveia, 6 quilos de alfafa, 2 quilos de cenoura e 4 quilos de uma ração composta de 30% de milho, 30% de aveia e 40% de melaço. A altura média de um cavalo de salto, que participa de certames internacionais, é de 1,68m. Há, entretanto, animais, dentre os que participaram do certame a que comparecemos, de porte bem maior. Para esse, a forragem fornecida é aumentada de cerca de 20%. Fui informado que não utilizam o milho puro como forragem por considerarem seu valor nutritivo inferior ao da aveia e por considerá-lo um alimento de excessivo teor calórico, capaz de provocar fermentações e cólicas.
- 6 — Cada equipe internacional tem seu médico veterinário fixo além de seu enfermeiro veterinário e seu mestre ferrador.

São elementos que, há longos anos, lidam com os animais das equipes e os conhecem como verdadeiros "médicos da família". São feitos exames diários em todos os animais da equipe e o veterinário dispõe de todo o material necessário para o bom atendimento, inclusive material cirúrgico para intervenções de urgência.

- 7 — Não existe preço corrente para um cavalo de salto. Foram feitos negócios que variavam entre cinco mil e quarenta mil dólares, dependendo, naturalmente, das qualidades e aptidões do animal e das possibilidades do comprador e do vendedor. Pelo que pudemos observar, um bom animal de salto não tem preço fixo. Para responder à última parte do quesito, podemos dizer que seu valor é, normalmente, superior ao de um automóvel, último modelo.
- 8 — Os animais brasileiros que se apresentaram, eram pequenos em relação aos das demais equipes. Devido às dificuldades surgidas durante o transporte desses animais, a equipe brasileira não teve tempo suficiente para trabalhá-los antes do início das competições. Depois de uma viagem de duração superior a um mês, estavam fora de forma técnica e não puderam demonstrar suas reais possibilidades. Assim mesmo, conseguiram obter várias classificações bastante honrosas.
- 9 — Prejudicada em virtude de ter sido impossível fazer quaisquer visitas fora dos programas de trabalho, apresentações públicas e atividades sociais previstas pelas comissões organizadoras das competições.
- 10 — As pastagens nos Estados Unidos da América do Norte e no Canadá são muito mais ricas que as nossas. Dessa forma, os animais apresentam muito melhor desenvolvimento físico e muito melhor calcificação. Não pudemos, infelizmente, verificar quais as forrageiras que são preferidas, bem como os processos de fenagem utilizados. Para a estocagem de cereais, particularmente para os períodos de inverno, são utilizados grandes silos.
- 11 — Acreditando ter dado resposta aos quesitos formulados, tomo, entretanto, como cavaleiro, a liberdade de apresentar uma sugestão que, acredito, só poderá beneficiar o esporte hípico brasileiro. Pelo que tenho podido observar, não só agora como em excursões anteriores, o que nos falta é uma verdadeira organização hípica, quer dizer, seleção de cavaleiros e cavalos constante, concentração e treinamento permanente e sob uma orientação única, ou, em outras palavras, formação de uma equipe hípica brasileira em moldes semelhantes aos do "United States Equestrian Team". Acredito que, em tais condições, poderíamos aspirar a resultados de real projeção no cenário hípico internacional.